

A carruagem não lotou

Cremilda Medina

Há sempre um antes e um depois no tempo presente. Ainda não havia sido implantado o projeto para a terceira idade na Universidade de São Paulo e meus alunos da graduação e orientandos da pós-graduação (PPGCOM ECA/USP e PROLAM/USP), já liam e frequentavam as aulas de Ecléa Bosi. A sua excelência antropológica, reconhecida na interface científica com a comunicação social, atraía os estudiosos da dialogia social, como era o meu caso na linha de pesquisa desenvolvida desde os anos 1960. E logo na década posterior, Ecléa, que perdemos em 2017, nos legara seu imprescindível livro *Memória e sociedade, lembranças de velhos* (1979). Fazíamos intercâmbios acadêmicos e os alunos mediavam uma relação constante.

Mas lembro agora um especial momento: o casal Bosi veio jantar em casa no início deste século e no inesquecível convívio doméstico, Alfredo, entusiasmado com um dos romances do Sinval Medina para o qual escrevera uma apresentação na capa (*O herdeiro das sombras*, 2001) mantinha o papo informal no alto nível da literatura, sua área de consagração; Ecléa, ao meu lado, preferia conversar a respeito do projeto na ECA que eu realizava com os alunos de gra-

duação, a saga contemporânea da série *São Paulo de Perfil* (27 livros-reportagem a partir de 1987). A essa altura, nossa convidada já havia implantado o Programa da Terceira Idade e eu integrara os idosos na disciplina *Narrativas da Contemporaneidade*, cujo resultado semestral era a edição de livro sobre contextos atuais e raízes histórico-culturais de São Paulo. Esse encontro simboliza hoje, lembrado à distância, não uma simples troca de opiniões aleatórias e sim, o cruzamento fértil entre arte, ciência e comunicação que o casal Bosi e o casal Medina celebravam.

Pois bem: a inspiração da pioneira Ecléa Bosi no acolhimento da vitalidade de razão, emoção e ação da terceira idade me motivou a reunir jovens aprendizes e maduros entusiastas numa oficina que atravessou o final do século passado e primeira década do século XXI. O volume 23 da série *São Paulo de Perfil* já traz as digitais de autores da terceira idade: Izaura Marques Piffer, João Jorge Escudeiro da Silva, Hilda Gertrudes H. da Silva, Regina Célia W. Rocha, Vera Vicente de Azevedo. *Ó Freguesia, quantas histórias*, publicado em 2000, citava os 500 anos de Brasil no primeiro bairro de São Paulo, a Freguesia do Ó. A pauta do livro-reportagem ia em busca dessa saga de cinco séculos refletida nas histórias dos habitantes contemporâneos. E, na primeira abordagem, o grupo etário misto chega à pracinha em frente à igreja, todos à minha volta para iniciar o trabalho de campo e receberem a orientação de pesquisa. É simples: cada um se disperse e vá em busca de uma história, personagens locais, informação imediata; nos encontramos às 17 horas neste mesmo local. Quem disse que os estudantes de graduação (já então hábeis internautas) se desatam de meu acompanhamento?

Os idosos imediatamente vão à vida. Mexidos como só. Meninos e meninas da idade energética percorrem então ladeiras, casas, a igreja, a escola etc. sob a minha coordenação. Coletam-se indicações para as visitas posteriores e escolhem-se os temas dos futuros autores. Chega o horário aprazado para voltar à Cidade Universitária e nada dos alunos da Terceira Idade. Esfogueados, olhos brilhando e faces coradas, começam a aparecer, isoladamente, de uma rua e de outra e de outras. Os orgulhosos repórteres apresentam súmulas das histórias encaminhadas e com agenda de visitas marcada. Todos irão produzir com estilo

autoral o livro-reportagem *Ó Freguesia, quantas histórias*. (Eu aprendi que minha expectativa de que os idosos só cultivariam suas próprias histórias estava completamente furada. O interesse pela descoberta da história do Outro move músculos revigorados.)

Logo a seguir, no título *Sagas do Espigão, 90 anos de medicina e vida* (2002), viria a conhecer Etty Veríssimo, uma aluna do programa que não só marcaria presença nessa década (*Caminho do café. Paranapiacaba: museu esquecido*, 2003), como chegaria a minha casa, em 2018, para me convocar, com sua energia inesgotável, à retomada desta *Reproposta*. E é assim que deixo as rápidas reminiscências e chego ao presente.

Um surpreendente telefonema e a voz de Etty reacende a chama da oficina que fora suspensa na graduação, quando me aposentei em 2011 e só passei a atender cursos de pós-graduação, orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, com dedicação continuada à pesquisa e a compromissos esporádicos em outras universidades. Como professora sênior da USP, mantive o grupo de estudos da Epistemologia do Diálogo Social, mas não mais ofereci a disciplina de *Narrativas da Contemporaneidade*. De repente, o apelo enfático da ex-aluna querendo marcar uma visita com o coordenador do programa da Terceira Idade, Doutor Egídio Dórea, que sucedera a professora Ecléa Bosi após sua morte em 2017.

Chegaram os dois, Etty ressuscitou nossos sucessos anteriores, o jornal *Reproposta*, criado pelo meu colega Manuel Chaparro, cuja história aqui vem narrada no capítulo *Baú de Experiências*; depois as edições da revista impressa de mesmo nome e os livros da série *São Paulo de Perfil* que comigo realizaram. Lembranças sem fim que trocamos naquela tarde do primeiro semestre de 2018. Natural do Egito, Etty fez sua vida no Brasil, exerceu a profissão de secretária executiva e se encantou com o programa da USP que vem cursando várias disciplinas a partir de 2001. Ao que tudo indica, pela emoção de seus olhos, o Jornalismo e a ECA ocupam um lugar especial nas suas preferências. Sem desmerecer as ocupações lúdicas que a inspiram como leituras, música, cinema. Como resistiria eu a essa paixão da *Re-Reproposta*? Ao seu lado, com fala discreta mas decisiva, o médico e professor Egídio Dórea reafirma a importância do projeto e in-

siste com delicadeza para que entre nessa carruagem que, afinal, não havia enferujado. Baiano da capital, nasceu em 1965, no mesmo ano de minha filha Ana Flávia, o que me emociona, nele percebo uma maturidade jovem, formado em medicina na Bahia, o único varão em sete filhos, sensível à música e ao cinema, guerreiro que se lançou ao desconhecido em São Paulo, gosta sim de viajar, e também estudar, pois veio cursar residência no Hospital das Clínicas e por aqui ficou. O interesse por idosos vem de cursos em Vancouver ou estudos em Madri, após o doutorado em Nefrologia no Hospital Universitário da USP. No seu carinho e dedicação aos idosos Ecléa Bosi viu a substituição natural para a coordenação do Programa da Terceira Idade e eu o conheci nessa primeira visita, olho no olho, confiança mútua e aliança indiscutível. Pronta, estava convencida. Vamos ao trabalho.

Neste livro, ora publicado, ex-alunos do início do século ou do final do século passado, bem como novos interessados que se agruparam no projeto oferecem agora, às vésperas do Natal de 2018, suas narrativas, em grande parte, recuperando a memória de autores de outras fases. Mas, no fundo, o que está em pauta é a autoria do escrever-se com a estética, sensibilidade e informação acumuladas na terceira idade.

Foram oito semanas de *Oficina de Dialogia Social* em tempos difíceis no Brasil em que o ambiente estava polarizado, pouco propício ao pluralismo dialógico. Venceram-se as contingências maniqueísta ou dicotômicas e mergulhamos nas inquietudes, nas interrogantes do cotidiano para daí extrair histórias de vida, contextos coletivos, identidades culturais e diagnósticos especializados que pavimentam a "arte de tecer o presente".

Etty Veríssimo assumiu a liderança dos encontros preparatórios e da oficina de oito semanas que alcançou as duas primeiras de dezembro de 2018. Contou como eu contei com a parceria incansável de uma experimentada profissional de televisão, professora universitária da área e hoje minha orientanda no doutorado em Ciências da Comunicação. Em matéria de articulação em rede, contatos presenciais e serviço de informações para o grupo, Sonia Regina Cunha, autora de um texto que ambas dividimos nesta edição, foi decisiva no *signo da relação*, eixo fundante da dialogia social. Insisto, se escrever a história do outro

oferece dificuldades estilísticas, o ponto de partida é o mover-se no "ato relacional". Sair da claustrofobia individualista, muitas vezes reforçada pela comodidade das tecnologias, e lançar-se ao desconhecido, enfrentar as diferenças, compreender outras circunstâncias, exercer, como diz a doutoranda Regina, a "curiosidade epistêmica", ou como digo eu, "estar afeto a". Assim se posicionou outra ex-aluna que aderiu de imediato, Esther Alves Martini, psicóloga de primeira formação, mãe de sete filhos, aos 54 anos retomou a academia e se dedicou aos estudos de linguística. Posteriormente, participou da primeira equipe do jornal e ainda fez parte do grupo de teatro da USP Aberta à Terceira Idade. Diz ela hoje: aos 90 anos, animei-me com o ressurgimento do saudoso jornal *Reproposta* e espero continuar fazendo parte do grupo, apesar do peso da idade.

A autora que segue Esther nos textos da revista, não pode alegar o peso da idade, mas talvez o peso de dois títulos de doutores. A velha guarda do projeto conhece bem a dedicação de uma aluna minha na graduação, que assina textos nos livros-reportagem da série *São Paulo de Perfil* e acompanhou com carinho seus jovens colegas e, principalmente, os da terceira idade. Katiuscia Lopes defendeu o trabalho de conclusão, o mestrado e o doutorado em Ciências da Comunicação com reconhecidos méritos das bancas, orgulho de sua família e de meu grupo de pesquisa por sua integração sensível e rigorosa. Pensei que minha ex-orientanda fosse seguir a carreira profissional na área de excelência que já demonstrara da graduação ao doutoramento. Mas, ousada guerreira, casou, se deslocou com o companheiro para Cascavel, no Paraná, e, após breve trabalho na comunicação social e na docência universitária, deu uma guinada e fez vestibular para medicina. Quando a convidei para escrever um depoimento sobre seu contato com os idosos no começo deste século, me pediu uma semana a mais, pois estava defendendo o trabalho de conclusão de curso em medicina. Ou seja, agora a professora doutora pela Universidade de São Paulo é outra vez doutora Katiuscia, médica. Conheço outra batalhadora da área de comunicação que vem e volta ao convívio do grupo de Epistemologia do Diálogo Social, seja nas disciplinas de pós-graduação, seja na oficina de *Narrativas da Contemporaneidade*. Cecília Borges, experiente profissional em revistas segmentadas, aprendeu a gostar de escrever sobre tudo, afinal mexer com palavras, confessa, ajuda a contar fatos e

histórias, lhe traz um prazer imenso. Se lhe peço uma pequena biografia, exerce esse fascínio: *Nasci em Araçatuba, interior do Estado de São Paulo, a 20 de janeiro de 1955. Era pra me chamar Sebastiana, já pensaram? Em vez de Cecília, a padroeira dos músicos (secreto desejo de minha mãe, que me tornasse, de alguma maneira, música), teria o nome do santo do dia, costume da época. Saí ganhando, sem dúvida alguma. Gosto do meu nome e desta ligação com a música, sem a qual não vivo, sem necessariamente ser uma profissional.* Ganhamos, pois, a Cecília das palavras e narrativa aqui registrada da história de Manuel Chaparro, o criador do primeiro jornal *Reproposta*.

Os reencontros misteriosos cruzam tempos e espaços. Assim chegou ao grupo Angela Albão que, originária da área de Biblioteconomia da ECA, hoje Ciências da Documentação, nos conhecemos dos tormentosos anos 1970 em que por conta da repressão da ditadura militar, saí da USP em 1975 para voltar com o processo de anistias em 1986. Angelita saiu formada em 1973 e fez carreira na docência, em editoras e se especializou em audiolivros. Foi numa circunstância dolorosa da vida doméstica, em 2014, que se descobriu como cuidadora de idosos, quando seu marido foi vítima de um devastador AVC. Depois veio a descoberta dos cursos da terceira idade na USP, de dança a astronomia. No ano da graça de 2018, a adesão à *Oficina de Dialogia Social* resultou no prazer de contar a história de Izaurinha que, de radioatriz se tornou repórter. Nessa de recomposição das aventuras do humano ser, curioso é percorrer os caminhos épicos de Neuza Guerreiro de Carvalho, aluna pioneira do programa, licenciada em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, turma de 1951. Após exercer atividades didáticas durante 30 anos, criar material pedagógico sob a rubrica “Programação dinâmica para estudos de ciências”, registrado no MEC em 1973, aposentada em 1980, a partir de 2005 até 2015, aderiu com certa voracidade aos cursos da terceira idade. Hoje oferece seu próprio curso na USP, “Encontros para resgate de memória autobiográfica”. E ela própria conta um incidente da sua biografia nesta edição. A memória é um dos chamamentos da vocação literária. Por isso mesmo, o convite ao escritor Sinval Medina, autor de 29 livros, entre romances, ficção e poesia para crianças, ensaios e obras de referência, que parceiro de vida inteira aceitou colaborar com a ensaística da edição: um

mergulho no tempo em que as recorrências e atualizações constroem uma bem urdida trama cotidiana.

Essa busca na memória afetiva tanto pode emergir na rede de um pescador da terceira idade, como pode ser a isca para uma jovem artista ir em busca de sentidos nos rostos de idosos. Assim o faz Renata Bueno, colaboradora desta edição, que tem dedicado uma parte de sua criação ao *signo da relação* com mais velhos. Paulistana, autora, ilustradora de 35 livros para crianças, publicados no Brasil, Espanha, França, Coréia do Sul, China e Portugal, tem participado também de exposições coletivas individuais em São Paulo, Berlim, Amsterdã, Fontenay-sous-Bois (França) e Veneza. Há, porém, um trabalho que lhe dá muita inspiração: em São Paulo, na Holanda e em Portugal (onde reside atualmente) tem pesquisado e exposto retratos colhidos em lares de idosos. Performances decorrentes dos rostos retratados, com a presença dos modelos, fazem parte, além das exposições, de convívios públicos fixados em animações do companheiro Daniel Medina. O olhar do outro e também o olhar da própria artista plástica se condensam numa ação relacionadora. Eis aí a coluna vertebral de minha pesquisa de várias décadas na USP e iniciada como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1967. Reconheço que não menos desafiadora é a "ação pedagógica ou o ato relacionador educando-educador". Cada novo momento é permeado de incertezas, inseguranças. A situação se repete a cada novo momento de ensino-aprendizagem, não importa o tempo de experiência. Recebo nesta oficina um aluno não familiar como Mário Lucena; os primeiros encontros na USP me põem diante uma incógnita; ele, sério, discreto, silencioso, eu, percorrendo caminhos sem farol; percebo que me examina, evito provocar sua fala; seguimos uma travessagem tênue, sem âncoras. Mas o signo da ancoragem acontece: Mário me entrega o primeiro texto, leio com prazer e o devolvo, na semana seguinte, com leitura exposta à acolhedora recepção coletiva. Estavam abertas as portas para a interação social criadora, com as chaves da utopia pedagógica. Autor desde primeira hora, o psicólogo de formação, paraibano de Esperança, radicado em São Paulo desde os anos 1970, atualmente se dedica à atividade editorial. Presença constante nesta oficina, trouxe ao grupo os livros publicados pela editora que dirige, *Portal do Envelhecimento*. Me foi dado escolher um dos títulos;

não tive dúvida, peguei o mais desafiante – *O alemão veio me visitar, acolhendo o visitante indesejado*, de Rosana Leal (2018). E chego à autora que encerra a edição com um cuidadoso serviço das disponibilidades do programa da USP. Márcia Sant'Anna Cabral chegou de mansinho, no meio da oficina, aderiu de peito aberto à proposta e se ofereceu para captar as informações dispersas nas unidades da USP, *campus* da capital e *campi* do interior, para que o Portal de Oferta, último parte deste livro, a USP se pusesse à disposição dos idosos em 2020. Num carona que me deu da Cidade Universitária à minha casa, Márcia relatou experiências de seu ofício. Profissional de marketing, cultiva agora o sonho de agregar aposentados em projetos que lhes deem sustento material e simbólico. Acredita, como o grupo que aqui se reuniu, na afirmação vital da inteligência na terceira idade, se não houver limite de saúde absolutamente restritivo. Pronto. Ufa. O antes e o presente estão relatados. E o depois? O futuro, quem sabe? Que venha 2019.

São Paulo, 13 de dezembro de 2018.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CUNHA, S. Regina S.; MEDINA, Cremilda. A curiosidade epistêmica jornalística e a narrativa autoral. In: **Anais Intercom Curitiba**, set. 2017.

LEAL, Rosana. **O alemão veio nos visitar**. Acolhendo o visitante indesejado. São Paulo: Portal Edições Envelhecimento, 2018. (2ª Ed.)